

# MOVIMENTOS JOVENS, COMUNICAÇÃO E ESPAÇO URBANO: DISPUTA DE SENTIDOS NA RODA CULTURAL<sup>1</sup>

## *Youth movements, communication and urban space: meaning dispute at Roda Cultural*

Jarlene Rodrigues Reis<sup>2</sup>  
Denise da Costa Oliveira Siqueira<sup>3</sup>  
Frederico Ferreira de Oliveira<sup>4</sup>

### RESUMO

Promovidas ao *status* de movimento cultural reconhecido e avalizado pelo Estado em 2018, as rodas culturais se inspiraram no movimento *hip hop*, congregando juventude, arte, política e culturas urbanas. No Rio de Janeiro, as rodas culturais acontecem em diversos pontos da capital assim como em outras cidades do estado. Em Petrópolis, na região serrana, a roda do Centro de Cultura é um evento realizado semanalmente no Centro da cidade, reunindo manifestações artísticas e culturais da juventude. Neste artigo investigamos seu papel como manifestação de arte urbana, estudando os elementos que concorrem para sua fabricação de forma

<sup>1</sup> Uma versão inicial e simplificada deste artigo foi apresentada no XIV Congresso Internacional Ibercom, na USP, em São Paulo, realizado entre os dias 31/03 e 02/04/2015. No presente texto a discussão foi ampliada e atualizada.

<sup>2</sup> Professora no curso de Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Cefet, RJ *campus* Petrópolis, Brasil. Mestra em Administração pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. *E-mail*: jarlenerodrigues@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. *E-mail*: dcos@uerj.br

<sup>4</sup> Professor no curso de Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Cefet, RJ, *campus* Petrópolis. Mestre em Administração e em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (Centro Universitário UNA). *E-mail*: tuofredfo@uol.com.br

**Revisão:** Euler David de Siqueira

**Data de submissão:** 26.2.2019

**Data de aceite:** 6.5.2019

coletiva e os conflitos decorrentes de sua realização. Partimos de um quadro teórico que inclui estudos sobre juventude e conflitos nos espaços urbanos, sobre movimentos, mídias sociais e cidadania. Em termos metodológicos, realizamos observação de algumas edições do evento, análise da página do evento em uma rede social e entrevistas com organizadores.

**Palavras-chave:** Juventude. Produção de sentidos. Conflito. Roda cultural. Petrópolis.

### **ABSTRACT**

Promoted to the status of a cultural movement recognized by the government in 2018, the “rodas culturais” are inspired by the hip hop movement, bringing together youth, art, politics and urban cultures. In Rio de Janeiro, the “rodas culturais” take place in several points of the capital as well as in other cities of the state. In Petrópolis, the “Roda Cultural do Centro de Cultura” is an event held weekly in the central area of the village, promoting artistic and cultural manifestations of youth. In this paper we investigate its role as a manifestation of urban art, studying the elements that compete for its collective production and the conflicts arising from its realization. The theoretical framework includes studies on youth and conflicts in urban spaces, social media and citizenship. In methodological terms, we observe some editions of the event, analyze the page of the event in a social network and interviews with organizers.

**Keywords:** Youth. Sense production. Conflict. Roda Cultural. Petrópolis.

## INTRODUÇÃO

**E**m diversas cidades brasileiras, palcos em espaços públicos abertos se mostram cheios de possibilidades em termos de práticas de cidadania e de comunicação. No palco, manifestações artísticas e culturais podem se configurar como instigantes lugares para se observarem dissidências, pensamento crítico, inovador, político, novos valores. Assim, dança, música, teatro, performance explicitam seu caráter de manifestações políticas, de construção de cidadania e de comunicação. Pensadores e artistas como o teatrólogo Augusto Boal buscaram “conquistar identidade e cidadania” por meio do teatro (BOAL, 2003, p.156), contudo, apenas se consideraram cidadãos ao serem “capazes de intervir na sociedade e transformá-la naquela que desejamos”. (BOAL, 2003, p. 156).

Partindo da ideia inspirada de Boal sobre identidade e cidadania, neste artigo buscamos estudar a Roda Cultural do Centro de Cultura de Petrópolis, uma manifestação urbana organizada por jovens ligados ao movimento *hip hop*. O evento – que acontece desde 2007 no município serrano do estado do Rio de Janeiro – reúne desde 2012 performances de artistas de rua como músicos, grafiteiros, poetas e malabaristas em um palco montado no gramado da Praça Visconde de Mauá, no Centro Histórico da cidade, de frente para o Museu Imperial.

Nosso objetivo é estudar o papel da Roda Cultural como manifestação cultural urbana, investigando elementos que concorrem para sua construção coletiva, bem como os conflitos decorrentes de sua realização e seu prolongamento nas redes sociais. Recorremos à leitura de autores como Becker (1977), Simmel (2003, 2005), Maffesoli (2000) e Le Breton (2002), com o intuito de formar um quadro teórico sobre juventudes e conflitos nos espaços urbanos, que fundamentem nossa leitura do fenômeno. Obras do campo da comunicação sobre movimentos sociais, mídias sociais e cidadania (PERUZZO, 2013; COGO, 2004) completam o marco referencial adotado.

Em termos metodológicos, após levantamento bibliográfico e estudo conceitual, foi realizada observação *in loco* de edições da Roda Cultural realizadas a partir de 2014, estabelecendo-se contato com organizadores e participantes. Em uma nova etapa, foi realizado acompanhamento da página do evento na rede social Facebook e na plataforma de vídeos Youtube, com especial atenção aos comentários e às interações dos usuários.

Após as etapas de aproximação dos atores sociais envolvidos na execução do evento, realizamos duas entrevistas com organizadores. Esse procedimento teve como intuito aprofundar questões que levassem a conhecer o movimento, a entender seus conflitos e a produção de sentidos sobre a juventude construída a partir da realização da Roda.

A problemática que guia a reflexão gira em torno do forte imaginário de Petrópolis, como uma cidade particularmente reconhecida por uma tradição artística associada a origens europeias, principalmente a corais locais (Canarinhos de Petrópolis e Meninas Cantoras de Petrópolis), a grupos folclóricos de dança alemã e a eventos como o Festival de Inverno e o Petrópolis Jazz & Blues Festival – esse último de inspiração americana. Nesse contexto cultural e discursivo, a Roda Cultural surge como iniciativa de diversificação de atividades em espaços públicos da cidade. No entanto, tal iniciativa não vem sem conflitos e tensões. Pode-se constatar a constituição de uma relação conflituosa entre os jovens e os moradores e frequentadores da região nobre do Centro Histórico da “Cidade Imperial”.

Mesmo assim, constata-se o potencial da Roda Cultural como elemento capaz de abrir espaço para a busca por construção de cidadania, por parte de grupos jovens e de periferias. Esse potencial chamou a atenção do Poder Público e culminou com a aprovação da Lei n. 7837 de 2018, declarando a cultura *hip hop* patrimônio imaterial do Rio de Janeiro. A mesma lei garantiu a realização das Rodas Culturais no estado, destacando seu caráter público e gratuito.<sup>5</sup>

## 1 JUVENTUDE E MOVIMENTOS SOCIAIS

Em um contexto contemporâneo no qual há algum tempo se observa o declínio da adesão a comportamentos políticos institucionalizados e burocratizados entre as novas gerações (CASTRO, 2008), a expressão da cidadania parece ser cada vez mais pautada por experiências caracterizadas pelo pertencimento a múltiplas identidades e redes sociais, bem como à associação de matrizes “clássicas” e inovadoras de comunicação. (COGO, 2004). Tal desinteresse pela política institucionalizada se dá a ver em eleições recentes em algumas das principais capitais do País. Nas eleições municipais de 2016, a quantidade de abstenções, votos nulos e brancos na cidade do Rio de Janeiro foi maior do que a dos chamados “votos válidos” recebidos pelos candidatos concorrentes no segundo turno.<sup>6</sup> Nas eleições de 2018, ser contrário à política, a suas práticas e aos políticos foi argumento de vários candidatos a vagas de deputados, senadores, governadores e presidente.<sup>7</sup>

Maffesoli (2000), em seu livro *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*, já assinalava que a construção das identidades na pós-modernidade se dá, em grande parte,

<sup>5</sup> RIO DE JANEIRO (Estado). Lei n. 7.837, de 9 de janeiro de 2018. Declara patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro a cultura *hip hop* e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ, jan. 2018. Disponível em: <http://alerj|n1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/b3ba9a90a583c01583258217005f1dc0?OpenDocument>. Acesso em: 10 abr. 2019.

<sup>6</sup> De acordo com dados do TRE divulgados após a apuração dos votos do segundo turno das eleições municipais de 2016, no Município do Rio de Janeiro, o percentual de abstenções foi de 26,85%. Em termos absolutos, enquanto o candidato vencedor recebeu 1.700.030 votos, as abstenções, votos brancos e nulos foram contabilizadas em 2.034.352 votos no município. Situações semelhantes foram observadas em outras capitais do País, como Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre, nas quais os percentuais de abstenções ultrapassaram 20% no segundo turno das eleições (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Divulgação de resultados das eleições*. Disponível em: <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>. Acesso em: 21 nov. 2016).

<sup>7</sup> Lucas Altino. Números do Cadastro Eleitoral confirmam o desinteresse do jovem brasileiro pela política: de 2014 para 2018, houve redução entre eleitores de 16 e 17 anos; já quantidade de votantes residentes no Exterior aumentou 41%. *O Globo*, 01/08/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/numeros-do-cadastro-eleitoral-confirmam-desinteresse-do-jovem-brasileiro-pela-politica-22940268>. Acesso em: 27 abr. 2019.

fundada por marcas como o estar-junto – o pertencimento intenso a grupos sociais mesmo que em laços efêmeros –, uma revivescência do reencantamento do mundo e uma grande efervescência. Nesse sentido, “o cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo o que acompanha o tribalismo pós-moderno.” (MAFFESOLI, 2000, p. III).

A isso o sociólogo chamou de neotribalismo pós-moderno e é, em grande parte, marcado pelo agrupamento ou pela comunhão de jovens em torno de causas ou interesses em comum no lugar da adesão a comportamentos políticos institucionalizados. A falência de grande parte das instituições típicas da modernidade cedeu lugar àquilo que Simmel (2003) já chamava de um outro tipo de arranjo de sociabilidade.

A análise que Maffesoli (2000) construiu a partir da experiência francesa, guardadas as devidas diferenças sociais e culturais, encontra eco na realidade brasileira. Para Telles (2004), a redefinição das relações entre Estado, economia e sociedade no Brasil gerou a possibilidade de uma nova contratualidade, sendo deslocadas as práticas autoritárias que agora dão lugar a outras formas de mediar conflitos e legitimar demandas sociais. Essas demandas, por sua vez, são configuradas e manifestas de diversas maneiras, refletindo uma variedade de possibilidades de organização dos agentes sociais envolvidos nesse contexto. (COGO, 2004).

Nesse processo de (re)construção da cidadania, os movimentos sociais populares se destacam como estruturas em prol de transformações sociais, ao lado de outros fatores e instituições. Ora atuando junto aos Estados em projetos participativos, ora mobilizando a sociedade na contestação de projetos aos quais se opõem, os movimentos sociais constituem elementos na organização de significados, a partir da confluência de identidades que podem ser classificadas como legitimadoras (criadas por atores que buscam preservar certa dominação vigente), de projeto (concebidas por atores que almejam a construção de uma nova identidade social e a redefinição de sua posição na sociedade) ou de resistência (proposta por atores que se sentem ameaçados pela estrutura de dominação). (PERUZZO, 2013).

No âmbito dos movimentos sociais, a construção de identidades coletivas apresenta alto grau de complexidade, mas também de instabilidade ou de anomia. Nesse sentido, a juventude ocuparia uma posição delicada. Sendo considerada uma fase, um período, nela seriam buscados elementos de pertencimento e responsabilização, quando o jovem poderia assumir-se e encontrar seu papel no contexto social. Nesse “momento de passagem”, faz-se necessário encontrar novas formas de identificação com objetivos

coletivos, além do engajamento do jovem em ações e movimentos com os outros, possibilitando novas dinâmicas e práticas sociais. (CASTRO, 2008).

O desinteresse de jovens por formas políticas institucionalizadas, além de estar associado a mudanças de valores entre as novas gerações (CASTRO, 2008), pode ser relacionado ao posicionamento ambíguo do Estado em relação às demandas dessa população. Por vezes, os jovens são vistos como um problema, uma ameaça à ordem social (quando, por exemplo, ocupam escolas e universidades impedindo a realização de aulas ou do exame do Enem, como ocorrido em novembro de 2016)<sup>8</sup> e, em outra perspectiva, são considerados como sujeitos sociais que precisam de atenção e de direitos. Como ameaça à ordem, demandam controle e vigilância por parte do Estado e da sociedade civil; como sujeitos sociais frágeis, demandam cuidados em saúde, educação, formação profissional. As políticas sociais para a juventude são resultado dessa ambiguidade, marcadas por ações dispersas, escassas e sem claro direcionamento. (SPOSITO; CARRANO, 2003).

Ciente de sua força transformadora e engajada em processos que possam diminuir as distâncias sociais, quebrar barreiras, fazer sair do estado de alienação e apatia, a juventude pode produzir novos espaços sociais. Para Novaes e Vital (2005), esses espaços não são organizados nos moldes tidos como convencionais, mas sim, como novos espaços participativos e democráticos nos quais os jovens possam exercer seu protagonismo e a apresentação de suas demandas à sociedade civil, buscando estabelecer agendas de discussão em prol dos direitos e do exercício de sua cidadania.

No entanto, ao se refletir sobre a juventude como categoria, é preciso considerar a multiplicidade e toda a gama de diferenças sociais, econômicas e culturais que o termo carrega. Como Le Breton (2002, p. 50), entendemos que “a juventude não é uma, ela é múltipla à imagem da população adulta”. Nesse sentido, ao estudar as rodas culturais de *hip hop* e ouvir seus participantes, estamos em contato, na realidade, com uma parcela de uma juventude que em sua totalidade é bastante plural.

<sup>8</sup> G1. Alunos ocupam escolas contra a PEC 241 e reforma no ensino no ES. 24/10/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/espirito-santo/educacao/noticia/2016/10/alunos-ocupam-escolas-contra-pec-241-e-reforma-no-ensino-no-es.html>. Acesso em: 24 abr. 2019. G1. Jornal Nacional. Ocupação de escolas adia prova do Enem para mais de 190 mil alunos. 01/11/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/11/ocupacao-de-escolas-adia-prova-do-enem-para-mais-de-190-mil-alunos.html>. Acesso em: 24. abr. 2019.

## 2 ARTE COLETIVA, CONFLITO E HIP HOP

O entendimento da produção cultural como algo que depende de elos cooperativos e de estruturas que se constroem coletivamente deve muito ao pensamento de Becker (1977), autor que também analisa a divisão do trabalho e o estabelecimento das convenções artísticas no âmbito das ações coletivas. Para o sociólogo americano, o trabalho do artista é realizado, em parte, graças a outras pessoas ao seu redor, criando-se uma cadeia composta de profissionais de diversas especialidades. Assim, o grupo e seus interesses afetam o tipo de arte que se produz.

Becker ressalta que as relações de cooperação influenciam a criação artística, a partir do estabelecimento de convenções às quais tanto o público quanto os próprios artistas se referem para a compreensão de um trabalho. Entretanto, o desenvolvimento artístico em seus diversos formatos demonstra muitas vezes a quebra ou a contestação dessas convenções, ocasiões em que o artista prefere se afastar das práticas usuais, mesmo que isso resulte em dificuldade para a circulação de sua obra. Becker chama a atenção para a resistência causada por esse tipo de movimento entre os defensores das práticas convencionais, que se sentem ameaçados pela novidade. Segundo o autor, “um ataque a uma convenção torna-se um ataque à estética a ela relacionada. [...] um ataque a uma convenção e a uma estética é também um ataque a uma moralidade”. (BECKER, 1977, p. 218). Nesse sentido, contrariar uma convenção artística implica um movimento que carrega grande potencial de geração de conflitos entre o apego ao *status quo* e a urgência da renovação.

A existência de conflitos, embora seja comumente interpretada sob uma perspectiva negativa, é fundamental na resolução de dualismos e na manutenção de uma forma de unidade, constituindo-se como força integradora de um grupo social. (SIMMEL, 2003). Simmel (2003, p. 19) trabalha com o entendimento de que “se toda interação entre os homens é uma socialização, então o conflito, que é uma das formas de socialização das mais ativas, que é logicamente impossível de reduzir a um só elemento, deve absolutamente ser considerado como uma socialização”. Elemento de associação, o conflito é importante na constituição das sociedades, no seu desenvolvimento e na sua transformação. É na dialética dos interesses em conflito que os grupos sociais se estruturam, se reorganizam e, mesmo, buscam a paz.

No âmbito dos movimentos sociais, é o conflito que vai possibilitar a mudança de paradigmas, a divisão dos poderes entre os diferentes grupos. No sentido político, a repressão ao conflito resulta em estratégia antidemocrática. Contudo, não será apenas por meio da política



institucionalizada, partidária, que a busca por mudança se dará. A arte e as manifestações culturais são espaços que podem gerar ou expor conflitos. Ou melhor, o conflito encontra nas manifestações culturais espaço de expressão.

A juventude articulada e participativa dos movimentos de *hip hop* mostra, por meio do *rap*, da *breakdance*, de rimas e grafites suas vulnerabilidades sociais: escolarização, acesso a postos de trabalho, à remuneração justa, segurança, a consumo de bens e serviços culturais. (MENEZES; COSTA, 2013). Por meio do *hip hop*, uma juventude engajada também expressa a contestação historicamente ligada à luta racial, à reivindicação de direitos civis e à melhoria das condições de existência e cidadania na sociedade. As rodas culturais constituem espaços em que a fabricação desses novos sentidos se torna explícita, por exemplo, na divulgação em redes sociais de frases como “A cultura é resistência!” (Facebook, 16/4/2019) e “Onde não há atividades culturais a violência vira espetáculo” (Facebook, imagem de abertura).

### 3 AS RODAS CULTURAIS

Autores que discutem o *hip hop* no Brasil (RIBEIRO, 2006; TAVARES, 2010; GONÇALVES, CARVALHO, 2014) situam o Rio de Janeiro como cenário de realizações que envolvem apresentações características do movimento, destacando-se, nesse contexto, a criação do Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP).<sup>9</sup> No CCRP se destacam a participação e a construção de identidades de jovens artistas motivados a expressar sua arte e ativismo em espaços públicos diversos no Município do Rio de Janeiro. (GONÇALVES; CARVALHO, 2014).

A visibilidade e a projeção do *hip hop* no estado culminaram com a publicação da Lei n. 7.837, de 9 de janeiro de 2018, que declarou como patrimônio imaterial do Rio de Janeiro a cultura *hip hop*. A mesma lei assegurou a realização das Rodas Culturais no estado, destacando seu “potencial turístico cultural alternativo” e seu caráter público e gratuito.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> O conjunto das rodas culturais de *hip hop* da cidade do Rio de Janeiro forma o Circuito Carioca de Ritmo e Poesia – CCRP, rede independente de produção cultural, regida pelo Decreto n 36.201, de 6 de setembro de 2012, em especial no art. 3º, modificado pelo Decreto n 38.266, de 17 de janeiro de 2014 (DIÁRIO..., 2014).

<sup>10</sup> RIO DE JANEIRO (Estado). Lei n. 7.837 de 9 de janeiro de 2018. Declara patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro a cultura *hip hop* e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ, jan. 2018. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/b3ba9a90a583c01583258217005f1dc0?OpenDocument>. Acesso em: 10 abr. 2019.



Na cidade do Rio, encontram-se rodas culturais da Zona Norte à Zona Sul, podendo ser citadas as rodas do Méier, de Botafogo, do Recreio e da Lapa (CIRCUITO..., 2016). Contudo, o movimento *hip hop* apresenta reflexos também em iniciativas de outras cidades do estado. Nesse contexto, outras rodas culturais se apresentam como manifestações de contestação da juventude, tanto em relação à sua própria condição cidadã, como no que se refere ao acesso a novos espaços e expressões culturais não inscritos nos padrões estéticos mais convencionais ou fortemente midiáticos.

O Município de Petrópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, apresenta-se como relevante cenário para tais manifestações de arte urbana, destacando-se a realização da Roda Cultural do Centro de Cultura. Criada em 2007, a Roda do CDC é um acontecimento semanal de caráter independente, que reúne *hip hop*, *rap*, grafite, *skate* e outras vertentes da chamada “cultura de rua” ou das culturas urbanas, no Centro Histórico de Petrópolis.

Organizado pelo coletivo Nação *Hip Hop*,<sup>11</sup> o evento acontece nas noites de quinta-feira, na Praça Visconde de Mauá, conhecida como Praça da Águia, ao lado de dois célebres prédios de Petrópolis: o Centro de Cultura Raul de Leoni (CDC) e a Câmara Municipal (Palácio Amarelo), espaços que compõem a agenda turística do município, situando-se de frente para o Museu Imperial, um dos principais atrativos locais. Observa-se aqui que a própria arquitetura do lugar é plural ou negociada: o moderno centro cultural, construído em concreto aparente; a Câmara, em estilo eclético com ornamentos de inspiração rococó, e o museu, em estilo neoclássico.

A Roda do Centro de Cultura agrupa uma diversidade de expressões que abarca performances de artistas de rua como músicos, grafiteiros, poetas e malabaristas, com a apresentação de batalhas de rima, versos de improviso ou *freestyle*, além de músicas de estilos variados, mantendo viva a cultura *hip hop* na tradicional cidade de Petrópolis. (RODA CULTURAL, 2014). O ponto alto da Roda consiste na Batalha “Di Versos”, também chamada de Batalha de MCs, quando vários competidores recitam versos improvisados em ritmo de *rap*, desafiando seus opositores nas respostas e dividindo o público participante na torcida de cada MC.

Embora a batalha ainda seja um espaço majoritariamente masculino, algumas jovens ganham destaque. Em 30 de março de 2019, o grupo publicou foto de uma jovem sorridente na página do Facebook e o seguinte

<sup>11</sup> O coletivo surgiu em 2006 em torno do *rap*. Em 2012 ganhou visibilidade com divulgação de eventos em uma página do Facebook. Informações em: <http://nacaohippopet.blogspot.com/>. Acesso em: 30 abr. 2019.

comentário: “MAIS UMA VEZ AS MINAS TOMANDO DE ASSALTO AS BATALHAS DA RODA CULTURAL DO CDC! MC Brenda Lima, campeã da Batalha de Sangue da Roda cultural do CDC (28/03)”. É interessante observar a foto da menina bonita mostrando um livro, enquanto imagens de rapazes trazem jovens em gestos desafiadores: levantando o dedo do meio; com olhar blasé e cigarro caído no canto da boca, por exemplo. Também é interessante observar o título em letras maiúsculas ressaltando a importância dada ao *post*.

No intuito de compreender o papel da Roda em termos daquilo que representa como expressão de cultura, movimento social e resistência para a juventude petropolitana, foram coletados fragmentos de publicações sobre o evento em duas redes sociais (Facebook e Youtube). Realizou-se ainda o acompanhamento de edições da roda do CDC. Além disso, foram realizadas duas entrevistas com um dos organizadores do evento, o MC Marcelo Moraes, o “Durangokid”. A leitura apresentada a seguir é resultado dos dados coletados, da observação feita, mas também constituída pela interação entre os pesquisadores e os entrevistados.

#### 4 JUVENTUDE, CIDADANIA E CONFLITOS NA RODA CULTURAL

Ao se estudar a organização da Roda Cultural, observam-se alguns elementos que caracterizam sua realização como evento e, ao mesmo tempo, como movimento de manifestação da arte urbana em Petrópolis. Nos dias em que acontece a Roda Cultural, é fácil encontrar, na Praça Visconde de Mauá, vários jovens organizadores ou que participam do evento. De modo geral, os envolvidos trabalham voluntariamente atendendo às demandas que surgem: organização da programação, recepção de convidados e orientação aos participantes.

Nesse sentido, a dinâmica de organização da Roda pode ser entendida à luz do pensamento de Becker (1977), na medida em que ali se identificam relações que convergem para a cooperação como elemento integrador e identificador dos atores sociais envolvidos em sua realização. Essa característica fica clara quando se analisam, inclusive, as falas de Durangokid, ao se referir à forma de constituição da Roda: “[...] a gente queria que cada um contribuísse com [...] seu peso social, com sua experiência, mas para um bem maior, para que a gente conseguisse de repente o que está conseguindo agora”.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Durangokid. Entrevista concedida aos autores em 21 de janeiro de 2015.

A ideia de coletividade também está presente nos bordões utilizados nos comentários de organizadores e participantes da Roda nas redes sociais: “Isso aqui é nosso, é por nós, sempre por nós, acima de qualquer parada é por nós. É noiss”.<sup>13</sup> A categoria “nós” enfatiza a dimensão coletiva em detrimento da ação individual.

Além da característica de organização coletiva, é importante observar a presença de uma conotação militante em parte das falas e dos comentários analisados. Isso permite interpretar o evento como algo que extrapola a realização de um encontro da juventude do *hip hop* em Petrópolis e assume também um papel político.

Esse papel, que também é de engajamento em uma esfera maior do que a política local, mostra-se com intensidade em 2019. Pode-se observar sua expressão em fotos, veiculadas na rede social, de cartazes feitos à mão: “Reforma política já!”, “Roda do CDC contra a reforma da previdência” ou, ainda, na convocação para o evento “Roda Cultural do CDC Descomemorando o Golpe de 1964”, em 4 de abril de 2019.

Nesse sentido, refletindo sobre a Roda, Durangokid já havia ressaltado:

Eu acho que a melhor classificação dela seria movimento, porque... ela não é assim, um evento. A gente não tem uma distinção de artista e público e... E aí você... às vezes você vai lá também pra encontrar um amigo sabe, e trocar uma ideia. Mas, às vezes, você vai lá porque você está querendo trocar expressão, né? [...] A gente procura tornar essa coisa... tornar a Roda mais do que só um momento de lazer assim, sacou, mas de reflexão e de expressão. A gente ocupa ali, em frente à Câmara dos Vereadores. Então, a gente montar um monte de cartolina colorida e tal, falando o que a gente pensa, também é uma manifestação política, né?<sup>14</sup>

Da mesma forma, na página da rede social Facebook, a Roda Cultural é descrita como “movimento cultural que reúne jovens da cidade de Petrópolis e que incentiva a liberdade de expressão, a troca de conhecimento e o incentivo à cultura”.<sup>15</sup> Esse espaço de expressão é

<sup>13</sup> Comentário publicado em rede social (RODA CULTURAL..., 2019). Ressaltamos que mantivemos a grafia original das publicações feitas em rede social.

<sup>14</sup> DURANGOKID. Entrevista concedida a Jarlene Rodrigues Reis e Frederico Ferreira de Oliveira em 21 de Janeiro de 2015, no CEFET/RJ *campus* Petrópolis.

<sup>15</sup> Comentário publicado em rede social (RODA CULTURAL..., 2019).

associado, por sua vez, à manifestação de demandas da juventude de Petrópolis, tais como o acesso a espaços públicos de lazer e cidadania. Assim, trata-se de uma liberdade sim, mas uma liberdade vigiada e controlada. Nesse contexto, o *hip hop* exerce o papel de agente agregador para uma juventude petropolitana proveniente de famílias com baixa renda, para a qual nem sempre há espaço ou política pública instituída de promoção de atividades artísticas e de lazer.

A expressão da juventude ligada à realização do movimento é caracterizada ainda pela oposição aos elementos considerados representações artístico-culturais da cidade, a exemplo de eventos tradicionais como a *Bauernfest* (festa alemã) e a Serra Serata (festa italiana). Nesse sentido, as falas coletadas mostram um sentimento de inconformidade em relação aos padrões estéticos considerados autenticamente “petropolitanos” e, por outro lado, exaltam as formas inovadoras de interação entre os participantes da Roda:

Sou petropolitano e a *Bauernfest* não me representa!

A gente vem aqui para as pessoas se encontrarem, trocarem ideias, trocarem músicas, trocarem arte... tá ligado? Trocaram cultura, se conhecerem, se envolverem. Quantas pessoas nunca ouviram um cara falar uma poesia na vida, sacou? Foram ouvir na Roda, tá ligado? Quantas pessoas nunca viram uma obra de arte na vida foram ver grafite na Roda, desafio na Roda... (Comentários em redes sociais). (RODA CULTURAL..., 2019).

Ao se oporem aos elementos legitimados pela tradição cultural local, propondo novas formas de manifestação e expressão, os jovens participantes da Roda Cultural parecem configurar uma plataforma alternativa de participação política e de construção de cidadania, em conformidade com o que afirmam Castro (2008) e Cogo (2004). Da mesma forma que Simmel havia assinalado como a cidade e sua dimensão objetivada exerceriam forte influência sobre o indivíduo, a ponto de ele mesmo ser um dos principais responsáveis pela construção de sua subjetividade; podemos aventar que a arte aqui também opera nessas bases, permitindo que o indivíduo se diferencie dos demais, ao buscar um espaço que seja somente seu.

Dessa forma, observa-se que as demandas dessa parcela da juventude não são expressas por meio dos canais tradicionais de manifestação política, mas são comunicadas em formatos construídos a partir da dinâmica do

próprio grupo, em relação a outros atores, seja nas frases expostas nos varais culturais, nas poesias declamadas durante o encontro ou nas letras das músicas.

A caracterização da Roda Cultural como movimento cultural da juventude metropolitana e veículo para sua expressão, precisa ser analisada ainda sob o ponto de vista da produção de conflitos. Nesse sentido, resgatando a perspectiva de Peruzzo (2013), seria coerente situar o evento como expressão de um movimento de confluência de identidades de resistência, considerando-se o sentimento frequentemente presente nas opiniões dos participantes:

[...] Entre os dois anos de atuação da Roda do CDC já vivemos alguns episódios desagradáveis, porém continuamos sempre na luta e resistência pelos nossos direitos.<sup>16</sup>

Pô, resistência a essa... sei lá, de repente à indústria cultural, ao modelo cultural que nos é imposto, não só pela cidade, pelo colégio, pela televisão, né... assim, o *hip hop*, ele é contracultura por essência, né...<sup>17</sup>

Entretanto, ao se manifestarem de forma opositora e resistente aos elementos socioculturais considerados “típicos” da cidade, esses jovens se posicionam no centro de uma série de conflitos e enfrentamentos, sejam eles relacionados ao modo como se comportam e se expressam, sejam eles ligados à ocupação do espaço utilizado para a realização do evento. Convém destacar que, no caso da roda de Petrópolis, os atores sociais atuantes no cenário do *hip hop* não buscaram locais públicos considerados marginais ou de pouca visibilidade, ao contrário do que ocorre em outras localidades. Nesse sentido, a resistência parece estar relacionada à escolha de um espaço que não é somente central na cidade, mas que também é parte da agenda turística local:

Então assim, ali no Centro de Cultura, quando a gente começou com a Roda, também a gente foi tomando um pouco mais de consciência de realmente o que viria a ser aquilo e que a gente

<sup>16</sup> Comentário publicado em rede social (RODA CULTURAL..., 2019).

<sup>17</sup> DURANGOKID. Entrevista concedida a Jarlene Rodrigues Reis e Frederico Ferreira de Oliveira em 21 de Janeiro de 2015, no CEFET/RJ *campus* Petrópolis

está não só num... não é só um ponto turístico, mas é um ponto político também... a gente está na frente da Câmara dos Vereadores e na frente do Centro de Cultura.<sup>18</sup>

O apoio da Prefeitura Municipal aos organizadores da Roda, após diversos conflitos envolvendo a repressão policial e a hostilidade de moradores próximos à Praça Visconde de Mauá, resultou na criação da Roda Viva, evento que chegou a ser realizado mensalmente pelos organizadores da Roda Cultural, constituindo uma dimensão institucionalizada do *hip hop* em Petrópolis. Contando com programação semelhante à da Roda Cultural, porém com produção apoiada pela Prefeitura, a Roda Viva chegou a fazer parte da programação cultural oficial da cidade durante o ano de 2015. Contudo, desde 2017 o evento não tem sido promovido regularmente, tendo a última edição sido realizada em setembro de 2018. Nesse período ocorreram mudanças na gestão pública local que acarretaram alterações na estrutura e nas diretrizes das instâncias municipais ligadas às ações e aos projetos de cultura.

A Roda Cultural, por sua vez, continua não sendo bem aceita pela sociedade civil que, por vezes, insiste em caracterizá-la como espaço de apologia às drogas e ao mau comportamento entre os jovens. Nesse contexto, o apoio pontual e intermitente da Prefeitura pode estar associado a uma forma de manipulação e de controle. Como afirma Simmel (1983),

A oposição certamente se fortalece com essa política; elementos que de outra maneira ficariam afastados são a ela trazidos pelo novo equilíbrio; mas, ao mesmo tempo, a oposição fica assim dentro de certos limites. Ao fortalecê-la, aparentemente de propósito, o governo na verdade a modera, através dessa medida conciliadora. (p.133).

Valendo-nos das ideias de Simmel, é possível considerar o potencial desse conflito como gerador de uma espécie de equilíbrio social. Dessa forma, deve-se levar em conta não somente as forças de “resistência” e de “contrarresistência”, como também alguns mecanismos de institucionalização desses elementos, os quais, por vezes, configuram-se como forças de controle.

<sup>18</sup> DURANGOKID. Entrevista concedida a Jarlene Rodrigues Reis e Frederico Ferreira de Oliveira em 21 de Janeiro de 2015, no CEFET/RJ *campus* Petrópolis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manifestações culturais urbanas contemporâneas como as rodas culturais aqui estudadas constituem um espaço para aproximação e afirmação de jovens ligados ao movimento *hip hop*; um lugar de construção de identidades e de pertencimento. Ainda que gerem conflitos com alguns grupos da sociedade civil por promoverem movimentos de contestação e enfrentamento, as Rodas trabalham a favor do desenvolvimento de linguagens para uma nova forma de cidadania e engajamento político.

Em Petrópolis, a Roda Cultural do CDC não é considerada por seus integrantes somente um momento para performances artísticas e estéticas alternativas. Ela é entendida, sobretudo, como espaço de caráter mais amplo e que objetiva, segundo seus organizadores, a promoção de reflexões e discussões sobre temáticas relacionadas à cidadania e à inserção social dos jovens.

As rodas culturais, de maneira geral, convergem para a transformação e abertura de consciência a outras estéticas e expressões culturais diferentes daquelas cristalizadas dentro de um contexto social. Desse modo, a compreensão da Roda Cultural do CDC, como forma de se manifestar artística e coletivamente, transgredindo convenções e linguagens instituídas (BECKER, 1977), se mostra apropriada, uma vez que o movimento é proposto como plataforma para a apresentação de uma série de ideias e práticas artísticas de contestação.

Entretanto, como pondera Becker, um estilo ou proposta estética que ataque as convenções vigentes pode se legitimar após algum tempo. No caso da Roda Cultural, esse processo vem se consolidando como um ato de afirmação e posicionamento da juventude local à luz do pensamento e das demandas dos novos movimentos sociais no contexto brasileiro. “A realização da Roda Cultural” representou um esforço de legitimação desse posicionamento, a partir do apoio da Prefeitura Municipal e da inclusão do evento na programação cultural oficial da cidade, durante o ano de 2015.

Os mecanismos de legitimação e reconhecimento da Roda Cultural não esgotam os anseios de seus participantes e não abrandam por completo a insatisfação daqueles que se opõem à sua realização. Talvez esse seja um mérito do movimento: gerar a necessidade do equilíbrio a partir do conflito, precisando seus participantes aprimorarem suas práticas e demandando, por outro lado, que seus “opositores” também se reinventem constantemente. Partindo do pressuposto de que em Petrópolis ideias e correntes opostas, em suas condições peculiares, fornecem oportunidades de conflito, síntese e desenvolvimento das divergências (tomando



emprestadas ideias de Simmel), não cabe o papel de julgar, mas de compreender as interações sociais em jogo.

## REFERÊNCIAS

BECKER, H. Arte como ação coletiva. In: \_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 205-222.

BOAL, A. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CASTRO, L. R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, n. 30, p. 253-268, 2008.

COGO, D. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo, 2004.

GONÇALVES, R. A.; CARVALHO, F. O corpo na rua: a linguagem das performances nas Rodas Culturais. *ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, n.1, p. 1-12, 2014. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/viewFile/342/274>. Acesso em: 28 abr. 2019.

LE BRETON, D. *Conduites à risque: des jeux de mort au jeu de vivre*. Paris: PUF/Quadrige, 2002.

MAFFESOLI, M. *Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. Paris: La Table Ronde, 2000.

MENEZES, J. A.; COSTA, M. R. Posicionamentos e controvérsias no movimento hip-hop. *Estudos de Psicologia*, v.18, n. 2, abr./jun. 2013, p. 389-396. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n2/v18n2a26.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2019.

NOVAES, R.; VITAL, C. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (org.) et. al. *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Petrópolis, p.107-147, 2005.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. *Contemporânea*, v. 11, n. 01, p. 138-158, 2013.

PERUZZO, C. M. K.. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). *MATRIZES*, ano 7, n. 2, p. 73-93, 2013.

RIBEIRO, C. C. R. *Novas formas de vivências nas Polis brasileiras: a ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento hip hop*. Campinas, 2006. [Trabalho apresentado em seminário]. Disponível em: [http://www.usp.br/fau/eventos\\_sn/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02\\_hiphop.pdf](http://www.usp.br/fau/eventos_sn/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02_hiphop.pdf). Acesso em: 28 abr. 2019.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.

SIMMEL, G. *Le conflit*. Paris: Circé, 2003.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v. 11, n. 2, p. 577-59. 2005.

SIQUEIRA, D. da C. O.; ARCOVERDE, R. Corpos, utopias: dança e teatro como alternativas de comunicação e cidadania. *Em Questão*, v. 14, n.1, p. 63-77. 2008.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, 2003.

TAVARES, B. Geração *hip hop* e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 309-327, 2010.

TELLES, V. da S. Sociedade civil e a construção de espaços públicos. In: DAGNINO, E. *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 91-102.

## ENTREVISTAS

DURANGOKID. [Entrevista cedida a] Jarlene Rodrigues Reis, na Praça Visconde de Mauá, em Petrópolis, RJ, 15 de novembro de 2014.

DURANGOKID. [Entrevista cedida a] Jarlene Rodrigues Reis e Frederico Ferreira de Oliveira, no CEFET/RJ *campus* Petrópolis, 23 de janeiro de 2015.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CIRCUITO Carioca de Ritmo e Poesia. In: *Mapa de Cultura RJ*. 2016. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/circuito-carioca-de-ritmo-e-poesia>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DIÁRIO Oficial do Município do Rio de Janeiro. In: *Portal da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*. 2014. Disponível em: [http://doweb.rio.rj.gov.br/ler\\_pdf.php?edi\\_id=2300&page=3](http://doweb.rio.rj.gov.br/ler_pdf.php?edi_id=2300&page=3). Acesso em: 29 dez. 2014.

RODA Cultural do CDC. In: *Mapa de Cultura RJ*. 2014. Disponível em <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/roda-cultural-do-cdc>. Acesso em: 21 nov. 2016.

## REDES SOCIAIS

RODA Cultural do CDC 2014 *Perfil Facebook*. Disponível em: [https://web.facebook.com/RodaCulturalDoCdc?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/RodaCulturalDoCdc?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 30 abr. 2019.

RODA Cultural do CDC. Filmagem e edição: Beatriz Ohana. Petrópolis, 2013, 07'04''. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=-tS-u9e7mj0>. Acesso em: 10 abr. 2019.